

## 7.

# Educação para o Convívio Planetário: uma aventura na Alemanha

2002/2005

Estão combinados neste artigo: (1) relatos e reflexões informais sobre a participação do autor em um grupo de educadores de países do Sul convidados a visitar e dar parecer sobre alguns projetos educacionais na Alemanha; (2) a tradução de trechos do relatório desse grupo, redigido em inglês pelo autor e apresentado no congresso *Networks for Global Learning*, em Hannover; (3) tradução dos registros da participação do autor em outras oficinas e mesas desse congresso; (4) tradução das recomendações finais do congresso. Os trechos traduzidos haviam sido publicados em inglês e alemão nos anais do congresso (BÖMER et al. 2002); o conjunto do artigo foi publicado na internet em outubro de 2005 (RICKLI 2005c).

### 7.1. UM OLHAR NOSSO SOBRE A EUROPA...

Mergulhado nos desafios usuais do cotidiano, em 2002 um convite chegado da Alemanha me pegou de surpresa, a começar por não vir dos circuitos com que já tinha contato por lá.

Verdade que já conhecia de nome o educador **Harald Kleem**, ex-UNESCO, por um antigo contato seu com a Associação Comunitária Monte Azul. Não sabia é que o envolvimento dele com o Brasil havia crescido lá na Serra da Mantiqueira, em vários projetos em Mirantão (MG) e Visconde de Mauá (RJ). E que amigos de outros momentos & movimentos se encarregariam de um dia mencionar meu nome lá no meio das montanhas.<sup>1</sup>

Harald e colegas – dos quais destaco **Gabriele Janecki** e **Reinhold Bömer** – estavam organizando um congresso através da União de Iniciativas Educacionais da Baixa Saxônia (VNB), a qual congrega mais de 40 iniciativas inovadoras em vários tipos de Educação, e de outras redes de ONGs e órgãos oficiais.<sup>2</sup>

O congresso de três dias teria lugar em Hannover, com um título intencionalmente provocador de interrogações: ***Networks for Global Learning*** – o qual traduziremos aqui como **“Redes para o Aprendizado Planetário”**.<sup>3</sup> O mais interessante, porém, é que seria precedido por uma semana de visitas e encontros com representantes de pelo menos 14 organizações e projetos em 8 cidades de 2 Estados...

... realizadas por uma equipe de educadores “do Sul”, ou Terceiro Mundo – como ainda dizemos aqui para espanto deles lá –, convidados a apresentar no congresso o seu parecer sobre esses projetos como “um olhar do Sul”:

- Prof. Dr. **Khalil Alio**, da Universidade de N’Djamena, Tchad

<sup>1</sup> Registro aqui meu reconhecimento ao produtor cultural **Júlio Guerra Duarte**, meu aluno de agricultura nos anos 80, depois consultor em Lei Rouanet e cooperador amigo em momentos os mais inesperados!

<sup>2</sup> VNB é *Verein Niedersächsischen Bildungsinitiativen*. Estavam envolvidos também a VEN - *Verein der entwicklungspolitischen Nichtregierungsorganisationen in Niedersachsen* (União de ONGs para Políticas de Desenvolvimento no Estado da Baixa Saxônia), VENRO (união de mesma natureza em nível federal), o LAPEZ - *Landesamt für Entwicklungszusammenarbeit* (Agência Estadual para a Cooperação no Desenvolvimento, do Estado de Bremen), entre vários outros departamentos e organizações.

<sup>3</sup> Em alemão ***Netzwerke für globales Lernen***. É problemática a tradução para o português do conceito central do congresso, pois tanto o alemão quanto o inglês possibilitam aí uma ambigüidade enriquecedora: “aprender o global = aprender a ser global” e “aprendizagem globalista = aprender de modo global = aprender através do ser global”. O mesmo se passa com *interkulturelles Lernen / intercultural learning*. Interessante observar a correlação dessa ambivalência com nossas primeiras formulações sobre a Pedagogia do Convívio ou Educação Convivial, em torno de 1996: “educação pelo convívio e para o convívio”. Por outro lado, entre nós a palavra “global” vem excessivamente carregada de associações, de diferentes origens, que definitivamente não têm a ver com o espírito do congresso e de seus organizadores. Depois de muita busca, concluímos que a expressão “aprendizado planetário” é mais próxima a esse espírito – e além disso permite a leitura ambivalente desejada.

- Dr. **Karamba Diaby**, senegalês, diretor de projetos de educação intercultural em Halle, na antiga Alemanha Oriental
- Prof. **Sibathatu Masiza Stuurman**, diretor da Escola de Ensino Médio de Gcinubuzwe, Estado de Eastern Cape, África do Sul
- Prof. **Ralf Rickli**, coordenador de um projeto de educação extra-escolar para jovens em São Paulo, Brasil [nossa modesta-orgulhosa Trópis...]

... acompanhados ainda em parte da viagem por **Brigitte Lawson**, do Togo, pós-graduanda na Alemanha em Cooperação Internacional. Companheiros de equipe ótimos, agradabilíssimos, porém... sendo todos africanos, de repente parecia ter restado a um pobre brasileiro, e de nome aparentemente europeu, carregar sozinho a voz de todo um outro continente, a América Latina, senão de todo o Terceiro Mundo além da África... e isso quando dentro de seu próprio país representa uma corrente ainda totalmente marginal em Educação!

## 7.2. ... E, DA EUROPA, DE NÓS SOBRE NÓS

Mas... curioso, nesse meio internacional parece não ter havido a menor dificuldade em entenderem as propostas sociais e educacionais do que acabo de chamar “uma corrente ainda totalmente marginal”! Parecia mesmo que eu estava apenas elucidando detalhes de uma resposta aos nossos problemas cujas grandes linhas lhes eram totalmente óbvias – enquanto que aqui no Brasil precisamos tantas vezes repetir e repetir a explicação... e algo ainda parece “não entrar”.

Naturalmente não cabe aqui uma investigação ampla dos porquês, porém... há uma pista que me parece ganhar mais e mais força, desde então – tanto que já a explorei um pouco, por um certo ângulo, em RICKLI 2003c:

Na psique individual os fatos parecem ficar cada vez mais obscuros, ou simplesmente deixarem de existir para a consciência e a memória, quanto mais perto se chega do “x” de um problema, como por exemplo de uma experiência traumática.

De modo análogo, a consciência coletiva brasileira parece simplesmente perder a capacidade de operar ou de reconhecer o óbvio quanto mais perto se chega do aspecto mais profundamente estrutural da nossa sociedade, que é de natureza perversa: a desigualdade extremada, encoberta nas mentes dos beneficiados pela fantasia da sub-humanidade dos prejudicados, ou seja: “*essa gente*”.

Nosso trabalho (meu e da Associação Trópis) não tem nenhum parentesco com as abordagens políticas usuais a essa questão; ele aliás mal se lembra de que a questão existe: apenas *está dentro* da questão, entrou nela pela entrada de serviço como toda “esta gente”... Quase não fala *sobre* a questão... mas quando fala, fala automaticamente de dentro dela, querendo ou não.

Não é de estranhar, então, que seja difícil entender o que fala uma voz que provém de um ponto que... *não existe*, mencionando um mundo e um cotidiano que *não existem*... do meio de um *nada*... cuja “nadeza” ou “não-existência” é o que mantém “no seu devido lugar” os diferentes componentes de uma sociedade de uns 180 milhões de seres humanos.

Aliás, essa tomada de perspectiva apenas reafirmou minha experiência anterior de que nada ajuda tanto a entender sua sociedade como poder olhá-la de fora: foi ao voltar de dois anos na Inglaterra, em 1981, que percebi pela primeira vez o quanto a situação social brasileira não tem nada de “natural”, num sentimento como “meu Deus, eu vivia no meio *disto* e não percebia o quanto é grave?” – e foi no correr de um ano na Alemanha (1990-91) que comecei a perceber a educação dos jovens como questão n.º 1 do país.

### 7.3. VESTÍGIOS DE VIDA HUMANA

Creio que vale a pena resgatar algumas lembranças humanamente ricas desses dias viagem em 2002: <sup>4</sup>

Cidade de **Hildesheim**, orgulhosa de seus exemplares preservados de *Fachwerk* ou construção em enxaimel, e hoje um tanto encabulada de possuir uma das maiores coleções de arte egípcia do mundo, herança do tempo dos exploradores aventureiros.

Aí nos levam a uma oficina onde se dá ocupação a jovens desempregados, às vezes socialmente problemáticos, reformando bicicletas, computadores e até equipamentos hospitalares que depois são enviados à África. Jovens olhos tentam estabelecer uma comunicação humana direta com os visitantes exóticos; um instrutor sério, orgulhoso de sua profissionalidade, os mantém “no seu lugar”, fala pelos jovens, explica a nós, na presença deles, o bem que lhes está sendo feito...

Não tenho como não pensar: fosse aluno, eu provavelmente não voltaria a este lugar. Ou teria gosto em quebrar alguma máquina. No mínimo encheria a cara nessa mesma noite.

O local que visitamos a seguir, porém, ofereceu uma experiência tão diferente, e tão rica, que decido deixá-lo por último neste relato de viagem. *Last because the most... or because “a must”?* – Paciência!

• • •

Dia seguinte, reunião impossível com cinco diferentes entidades tentando mostrar ao mesmo tempo sua seriedade e importância... aliviada pela presença de *um* homem grisalho e brincalhão: Prof.Dr. **Jos Schnurer**... Fico sabendo que Harald Kleem e outros dos líderes deste movimento foram alunos seus... e que em boa medida foi nas suas aulas, anos atrás, que tudo isto começou. – E quantas vezes temos que ouvir por aí que estão superestimando as possibilidades da função de professor, que é claro que o mundo precisa ser mudado mas que eu, nas minhas aulas... não, não há nada que eu possa fazer...

Dia sem atividades em **Hannover**. Noite observando o movimento na estação central: bandos de jovens, punks, carecas, tribos diversas, tentando se mostrar impávidos, garrafas na mão...

Depois seguimos viagem numa van com um motorista libanês, Yehia Hussein. Esse descobre que o Prof. Dr. Khalil Alio, do Tchad, é fluente em árabe – além do francês, inglês, alemão, algum espanhol e não sei quantas línguas africanas. Passa o resto da viagem chamando bem alto: *KHHHALÍLLL!* para lhe contar com gosto mais algum caso em sua língua-mãe...

**Barnstorf**: um lugarejo perdido em meio a plantações... *EWV, Eine Welt Werkstatt*, mais ou menos “Oficina Mundo Único”. Loja, residência, espaços de reuniões, quartos para hospedagem, banheiros ecológicos com aquecimento solar, um circo para atividades educacionais... Os grupos de encontros incluem o de mulheres turcas, que de seus maridos não recebem permissão de se reunir em outro lugar. Um lugarejo perdido em meio a plantações... um vibrante centro de atividades sócio-educacionais e de articulações políticas (diferente de “burocráticas”!) de ONGs em nível federal... e agora mundial: é *lá*, e não na capital Hannover, o coração da organização do congresso *Redes para o Aprendizado Planetário!*

O edifício central é um antigo estábulo reformado tábuas por tábuas nos anos 70 pelas mãos do grupo fundador, do qual hoje, entre muita gente nova, permanecem Reinhold Bömer e sua mulher Regina Bömer, cuja profissão de *Zirkuspädagogin*, Educadora Circense, conta com reconhecimento oficial!<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Registramos os dados factuais da semana de visitas no relatório oficial em inglês, publicado em BÖMER et al., p.23 ss, porém as impressões pessoais a seguir estão sendo registradas pela primeira vez.

<sup>5</sup> Soubemos que em 04.10.2006 Regina Bömer foi condecorada pelo Presidente da Alemanha com a Cruz do Mérito (*Bundesverdienstkreuz*) pelo “vigilante senso de cidadania e marcada consciência de responsabilidade” nos trabalhos realizados no campo da cultura e do aprendizado planetário.

Não há na EWW nenhum detalhe que não seja artisticamente trabalhado, em espírito de restauro e de reciclagem: em cada cor, em cada curva se percebe *presença de espírito*: criatividade real incorporada. É preciso dizer que hoje um lugar assim é incomum também na Alemanha; é de certa forma um remanescente do impuso de 68 – porém é sólido. Quem disse que *the dream is over*?

• • •

**Ostrhauderfehn**, cidadezinha na Frísia Oriental. Sem exagero, o próprio nome da região funciona como piada na Alemanha; as pessoas riem à simples menção. Mais ou menos como dizer “o c\* do mundo”. Lá o cosmopolita frankfurtense Harald Kleem resolveu se instalar e trabalhar – dando aulas para gente de 11-12 anos numa escola pública... de entremeio com projetos de cooperação que já passaram pela UNESCO e pela Bósnia devastada, e hoje passam pelo Brasil e África do Sul. Isso quando não está tocando bateria!

De lá vamos para **Bremen**, outra capital: somos recebidos com todas as formalidades por uma alta secretária executiva de uma agência estadual, cujo chefe tinha precisado viajar de última hora. (*Tinha mesmo? Ora, mundo oficial é mundo oficial em qualquer lugar do mundo. Vale a versão.*)

A alta secretária nos leva a almoçar – e aí, no arqui-ancestral ritual do comer-juntos, confiança vai sendo construída, máscaras sendo depostas...

... e dali a pouco saímos pelas ruas coalhadas de gente (e de produtos com variações e brincadeiras sobre a história dos Músicos de Bremen, mais conhecida entre nós como “os *saltimbancos*”: o burro, o cachorro, o gato, o galo)... olhando tudo e gargalhando como moleques de escola...

*Ali*, mais que em todas as salas de reuniões, se ajudava a cimentar a certeza: “sim, é possível resgatar a humanidade da humanidade com o convívio intercultural.”

• • •

É possível... e não só quando tudo é alegria... O segundo lugar que visitamos em Hildesheim, no primeiro dia de viagem, era semelhante ao primeiro: oficina que recupera bens para enviá-los a áreas deprimidas do mundo. Só que aqui não são jovens sob orientação de um profissional contratado, são adultos desempregados que se auto-organizaram para isso.

Numa casa com varanda debruçada sobre o rio, somos recebidos, com chá e cadeiras em círculo, por líderes de rosto sofrido que nos falam com surpreendente doçura... De seu histórico de vida sindical dominam profundamente o instrumental crítico marxista – o que em pessoas menos maduras já vi gerar tantas vezes uma espécie de irritação crônica da alma e uma unilateralidade intolerante... coisas que, malgrado qualquer intenção, terminam contribuindo para transformar o mundo na direção errada... Aqui porém essa tradição nos mostra que também é capaz de assumir a forma de sabedoria nobre e serena... desde que nas mãos de quem de um modo ou de outro já passou pelo fogo da maior de todas as lutas: a com seu próprio egoísmo.

Um dos participantes atua como motorista, e nos leva através da cidade numa camionete. Vou sentado ao seu lado. Passando por uma zona de comércio, me mostra: “Está vendo aquela loja ali, a *pet shop*? Era minha. Anos a fio, meu negócio. Aí vieram as mudanças na economia... os fregueses foram sumindo... poucos meses... falência total. Não tenho mais nada. Fiquei muito mal, em depressão, até encontrar este grupo aqui, agora estou voltando a viver pouco a pouco...” Respiro e retribuo compartilhando um pouco das minhas desgraças financeiras no ano 2000 – minhas e da Trópis –, e de como num dia daqueles algumas árvores num quintal parecem ter salvo minha sanidade – talvez mudado minha vida... Ele concorda: “É engraçado como a gente não enxerga certas coisas quando está bem economicamente, iludido de que está seguro... Tem tantas coisas bonitas, tem a natureza, tem tantos valores humanos que só agora eu voltei a enxergar...”

Nos olhamos com aquele sutilíssimo sorriso de quem reconhece no outro o volume de dores já transformadas, uma umidade nos olhos que já se aprendeu a segurar no

ponto do brilho, sem descambar para o amolecimento que rouba a nitidez... Não dissemos muita coisa mais, nem era preciso. Não havia sombra de dúvida quanto ao grau de encontro e de compreensão. Desconfio que poucos momentos de uma vida atingem um sentimento de amizade tão intenso como o desses minutos, sem necessidade de qualquer continuação.

Ah, por favor: quando em nossas conversas surgir referência a “nossos parceiros alemães”, ou de qualquer parte do assim-chamado Primeiro Mundo, por favor não me olhe direto com esses olhinhos assim: (\$) (\$) . Não, não é por aí que se começa. Nunca mais.

## 7.4. FRAGMENTOS DO RELATÓRIO DA VISITA <sup>6</sup>

### 7.4.1. Observações gerais

Para começar, precisamos louvar a iniciativa de trazer pessoas do Sul para a discussão conjunta de questões relativas à globalização. Esperamos que isso não fique como um experimento extravagante isolado (ou *ungewöhnlich*, inusual, como nosso grupo foi chamado algumas vezes durante a viagem), pois se trata francamente do Único Meio correto de lidar com as questões do Mundo Único.

Observamos que, quer por boas quer por más razões, nós no Sul temos vivido há séculos dentro de situações multiculturais. Assim, embora não possamos dizer que encontramos as soluções para os problemas que isso envolve, temos sim experiências a compartilhar em benefício de toda a humanidade.

Seria interessante, no entanto, ter aqui uma amostragem um pouco mais ampla das culturas e regiões do assim-chamado Sul.

Lembrando que fomos encorajados pelos organizadores a sermos críticos em nosso olhar sobre as iniciativas visitadas, devemos mencionar também que ficamos um pouco surpresos por praticamente não encontrarmos referência a questões de *gênero* ao longo de nossa visita; cremos que se trata de um assunto de importância permanente, que deveria ser sempre levado em consideração quando se fala de diversidade.

Também gostaríamos de ter tido alguma oportunidade de contato direto com os estudantes – não apenas crianças, mas também jovens, e se possível [em alguns momentos] sem a presença de responsáveis pelos projetos.

---

<sup>6</sup> O relatório foi redigido em inglês pelo autor com base nas anotações de várias sessões de discussão entre os quatro membros da equipe visitante (a mais notável das quais regada a chá frísio tradicional dentro de um antigo moinho-de-vento restaurado em Ostrhauderfehn). Suas seções A, B e C foram lidas no plenário pelo autor e pelo Prof. Dr. Khalil Alio em 31.10.2002, e depois publicadas (seguidas de sua tradução alemã por Gabriele Janecki) nos Anais do Congresso (BÖMER et al). A seção D, contendo 16 sugestões e recomendações sintéticas, foi concluída após a leitura em plenário e – aparentemente por alguma falha de comunicação – não apareceu nos Anais. É publicada aqui possivelmente pela primeira vez. **O presente capítulo é uma seleção dos trechos da Seção C (Observações) que têm mais relação com a Pedagogia do Convívio;** omitimos alguns trechos que se referem a questões pontuais ou circunstanciais com pouca relação com o foco deste trabalho. Em alguns poucos pontos a presente tradução se desvia ligeiramente do texto publicado nos anais em benefício da clareza (a começar pela inserção dos subtítulos).

### 7.4.2. Herança do “alternativo”

Um dos aspectos da atuação das ONGs é que elas são em boa medida um desenvolvimento dos movimentos alternativos dos anos 70 e 80, e sua melhor contribuição acontece quando não negam essas raízes e a experiência acumulada dos anos. Desse modo são incrivelmente eficientes em fazerem a vida melhor, mais colorida, mais humana e digna de ser vivida. Não há razão para permitir que meros ventos da moda afastem o que vem funcionando bem.

### 7.4.3. Complexidade, pluralismo, ideologia

Relacionado com isso, alguns de nós se surpreenderam ao ver que contribuições teóricas e práticas de grande importância que vêm sendo feitas em outros países da Europa não são comentadas aqui – por exemplo, na França a Antropologia da Complexidade de Edgar MORIN e os chamados Estudos do Imaginário, que seriam de efetiva utilidade no planejamento das estratégias da luta contra o racismo.

Do mesmo modo, nos surpreendemos com ver que excelentes contribuições às práticas de ensino desenvolvidas aqui na Alemanha, como certas práticas das escolas Waldorf, simplesmente não são levadas em consideração. Ouvimos dizer que é porque são ideológicas – mas se ONGs, Governo, Igreja Católica e Igreja Evangélica<sup>7</sup> já desenvolvem trabalhos em conjunto, onde está o problema então? É claro que qualquer ideologia que não seja exclusora de outras pode ser aceita como cooperadora em grupos pluralistas, pois a multiplicidade propicia que as tendências ideológicas individuais se compensem umas às outras. Ou poderemos pregar sobre o convívio com os diferentes de longe e ao mesmo tempo não tolerar conviver com diferentes grupos de opinião em casa?

Os próximos dois parágrafos foram acrescentados a nosso pedido entre o congresso e a publicação dos Anais, como nota de rodapé:

Relendo o relatório depois que todos os membros da equipe já se encontravam de volta em seus países, tive a impressão de que não conseguimos deixar suficientemente claro o ponto central do parágrafo acima. A idéia que está implícita aqui é: quando rejeitamos alguma idéia por ser ideológica (*weltanschaulich*), estamos sendo vítimas da ilusão ingênua de que sejamos capazes (nós ou qualquer outra pessoa no mundo) de sermos livres de ideologia. Na realidade, uma ou outra ideologia subjaz a todas as idéias e práticas; o ideal de uma educação leiga e não-ideológica é *em si* uma ideologia.

Assim, já que sermos livres de ideologia é na verdade impossível, é preciso encontrar um critério mais refinado para decidir o que é que pode ser aceito nas ideologias, o que é que não pode – e o critério mais simples é: num mundo pluralista, todos os elementos ideológicos podem ser aceitos (como “colegas”), exceto aqueles que desejam ou tentam suprimir ou reprimir qualquer outro. A exclusão (ou melhor: a excludência) tem que ser excluída, e nenhuma outra coisa mais, para que o pluralismo não seja suicida. Temos o resto do tempo e da eternidade para descobrir o que é “verdadeiro”... se, e somente se, primeiro aprendermos como viver lado a lado com os que pensam diferente. Essa é a primeira de todas as tarefas da humanidade.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Na Alemanha a expressão “Igreja Evangélica” se refere especificamente à Luterana, que tem naquela sociedade um grau de institucionalidade e um peso aproximadamente igual ao da Católica Romana. Ao contrário do Brasil, outras igrejas evangélicas são poucas e quase invisíveis.

<sup>8</sup> Apesar da menção a MORIN logo acima, nessa ocasião eu ainda não havia encontrado a expressão “exclusão da exclusão” em obras suas (como está p.ex. no recente *Ética*, MORIN 2005); havia chegado a essa expressão nos esforços de expor a Filosofia do Convívio principalmente nos Encontros de Método semanais com a equipe da Trópis em 2000 e 2001; quanto à expressão “pluralismo suicida” e à proposição de que o pluralismo é o único aprendizado imprescindível à humanidade, comecei a usá-las em palestras sobre agricultura e ecologia já entre 1982 e 1985.

#### 7.4.4. Experimentos de parceria escolar Norte-Sul

Especificamente sobre os Projetos de Parceria Escolar,<sup>9</sup> é ótimo descobrir que eles são capazes de mobilizar toda uma escola e ainda a comunidade em torno (naturalmente se, para começar, essa escola se deu o trabalho de construir boas relações com a comunidade a que serve!). Foi interessante observar também que a cooperação local em outros campos pode ser estimulada a partir desse início com a cooperação escolar. Isso deve alertar os governos locais (p.ex. municipais) de que eles têm aí uma grande oportunidade de se tornarem internacionais – ou seja, *de se tornarem parte da globalização como sujeitos, e não como vítimas*.

Também aprovamos as experiências que vêm sendo feitas no sentido de encontrar temas de interesse comum entre escolas parceiras do Norte e do Sul – p.ex. o problema da violência na escola, mas também a natureza, interesses culturais criativos etc.

Quanto a isto, precisamos apenas deixar uma questão: o principal objetivo de tais projetos parece ser a oportunidade real de uma experiência intercultural – o que é um meio de todos se tornarem *mais plenamente humanos*, o que é sem dúvida de importância suprema na Educação. Porém: os parceiros europeus estarão sendo capazes de captar de fato **quais são os objetivos e expectativas dos parceiros do Sul?** Por exemplo, ouvimos falar aqui de começar parcerias com um limite de duração claramente definido. É perfeitamente compreensível; existem muitas razões para isso. Mas é preciso não esquecer que uma parceria que aqui na Europa pode ser vista como hobby pode estar significando não menos que sobrevivência em algum local do Sul!

#### 7.4.5. As questões da globalização e a relevância mundial de um país

Foi com satisfação que observamos que há órgãos oficiais e/ou pessoas em posições oficiais trabalhando [ao lado das ONGs] nas questões em consideração aqui – porém foi desapontador perceber que os níveis oficiais mais elevados não têm dado importância condizente aos esforços de efetivamente envolver as escolas e professores nessas questões. Os governos (quer locais, regionais ou nacionais) não deveriam pensar que essa é uma questão menor. Ousamos dizer que a futura influência de um país na comunidade mundial irá depender da seriedade com que essas questões estão sendo tratadas agora.

Em outras palavras: os governos estarão dando atenção suficiente à preparação dos seus cidadãos para um mundo globalizado?

#### 7.4.6. Da experiência da impotência à capacidade de convívio

É preciso dizer que a compreensão mais profunda da verdadeira dimensão humana das questões Norte-Sul foi encontrada por nós aqui na Europa entre pessoas capazes de olhar a sua própria sociedade com olhos críticos.

Um ser humano tomado pelos sentimentos de ter poder ou de conhecer todas as respostas é incapaz de chegar a um verdadeiro encontro humano olhos-nos-olhos – e por isso na maior parte das vezes erra o alvo em sua atuação. Suas ações podem ser grandes, porém têm pouca probabilidade de realmente melhorar alguma coisa na existência humana ou de ajudar a trazer as pessoas de volta a um convívio (*Zusammenleben*) vivo e verdadeiro.

Em contrapartida, os contatos mais intensamente humanos – e portanto *humanamente produtivos* – que tivemos aqui foram com pessoas que conheceram diretamente a experiência da impotência e dos sentimentos de angústia e falta de valor pessoal (p.ex. que estiveram desempregados por muito tempo) – ou então pessoas capazes de falar abertamente sobre seus fracassos e de construir novas tentativas em cima desse reconhecimento, num balanço adequado entre determinação e auto-crítica.

---

<sup>9</sup> Como p.ex. o projeto *Millenium Village*, que vem sendo realizado há anos entre a escola pública de Ostrhauderfehn e uma Escola Estadual de Visconde de Mauá (RJ). Ver [www.mirantao.de](http://www.mirantao.de)

#### 7.4.7. Re-humanização da sociedade como objetivo

Vemos assim que o ponto para o qual tudo converge é a RE-HUMANIZAÇÃO DA SOCIEDADE – tanto no “Sul” quanto no “Norte”.

No Sul, precisamos construir novos valores para substituir os que foram destruídos por séculos de relações entre povos política e economicamente inadequadas. Precisamos trazer de volta a esperança, a apreciação da beleza, o entendimento da natureza, e possibilidades de as pessoas fazerem uso de suas criatividades novamente.

No Norte existe definitivamente uma necessidade desesperada de as pessoas recuperarem a capacidade de entrar em contato umas com as outras no nível mais elementar dos sentimentos humanos.

Para a maior parte das pessoas do mundo a vida se tornou *feia*, de um modo ou de outro.<sup>10</sup> Para um testemunho pungente disso aqui na Alemanha, basta prestar atenção nas expressões dos rostos dos idosos em qualquer bonde ou ônibus urbano.

#### 7.4.8. Quem dá o sentido às palavras? Escravidão ou Democracia Global.

Não se trata, portanto, apenas de produção e utilidade: a vida humana não é só isso. Seremos *todos* escravos de uma globalização unilateral se não nos dermos conta disso e não lutarmos juntos pelo reconhecimento da dignidade de *cada um* dos seres humanos, pela beleza na vida, pela simples felicidade como objetivo último do desenvolvimento – em lugar de continuarmos permitindo que nossos irmãos mais frágeis sejam continuamente sacrificados no altar de um “progresso” que vê na produção um fim-em-si e não um meio.

Nos países do Sul, a palavra “globalização” soa hoje como um palavrão, de modo que a primeira reação à expressão “Aprender Global”<sup>11</sup> é de desconfiança: “O que será isso? Aprender como ser melhor explorado? Aprender a ser escravo?” – Se queremos então fazer uso dessa palavra, precisamos tomá-la em nossas mãos, decididos a definir o seu sentido de forma coletiva e democrática.

Quem foi, afinal, que atribuiu um significado a essa palavra? Somente nós, cidadãos do globo, é que temos direito de atribuí-lo. E não podemos nos contentar aí com a investigação das dimensões culturais – como estamos fazendo [neste congresso] ao falarmos de Educação –, mas temos que falar também da globalização do direito à voz e à decisão: é a uma Democracia Global que temos que chegar, onde todos os cidadãos da Terra tenham voz e participação nas decisões sobre os destinos da raça humana. E precisamos criar instrumentos para isso, mais vivos e efetivos do que os caminhos diplomáticos tradicionais. Globalização sob controle de uma verdadeira Democracia Global – ou então os povos da Terra terão pleno direito de simplesmente rejeitar a globalização como um todo.

---

<sup>10</sup> Em 2005 nos surpreendemos ao reencontrar essa idéia (o *enfeimento do mundo*) em *A Insustentável Leveza do Ser*, de Milan KUNDERA, que lemos muito tempo atrás.

<sup>11</sup> Inglês *global learning*, alemão *globales Lernen*: do título do congresso: *Networks for Global Learning*.

## 7.5. NA MESA-REDONDA DE ENCERRAMENTO <sup>12</sup>

*Ontem tivemos a oportunidade de participar da oficina Cooperações Internacionais em Educação (dirigida por Harald Kleem). Os participantes foram convidados aí a expressar quais são, no seu ver, os objetivos da cooperação com parceiros do Sul<sup>13</sup> – e nisso pudemos observar diversas coisas de interesse.*

*Muitos disseram que gostariam de conquistar uma mudança de perspectiva. Vários outros disseram que gostariam de aprender com outros povos. Vimos então europeus dizendo que querem aprender com outros – isto é, admitindo que têm coisas a aprender de outros, não apenas a ensinar. Pois bem, isso já é uma mudança perspectiva, e não pouco significativa!*

*No entanto pudemos observar que ninguém chegou a entrar de fato no papel de parceiro do Sul para observar dessa perspectiva quais poderiam ser os objetivos da parceria. Isso teria sido um segundo passo, um aprofundamento na mudança de perspectiva, mas ninguém parece ter lembrado de fazê-lo.*

*Mas como estamos vindo “do Sul” podemos contar a vocês no que é que as pessoas lá pensarão imediatamente, se vocês falarem de cooperação internacional. Elas na verdade gritariam imediatamente: “ajuda, ajuda, ajuda!” – “Mas que chato, estamos cansados disso!”, alguém aqui pode dizer. “Nós queríamos tanto nos relacionarmos com pessoas de igual-para-igual!”*

*E em relação a isso só podemos dizer: é verdade que nas últimas décadas a Europa atingiu um nível de consciência mais alto quanto a relações justas e injustas entre povos – e em concordância com isso vem agora desempenhando muitas vezes um importante papel no combate à desigualdade. Não podemos esquecer, no entanto, quanto tempo se levou construindo a desigualdade que enfrentamos agora, e que não podemos esperar que a igualdade construída ao longo de quatro ou cinco séculos seja desfeita em 15 ou 20 anos.*

*Poderíamos usar aqui a famosa frase de SAINT-EXUPÉRY no livro O Pequeno Príncipe, em uma tradução um tanto livre: “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que conquistas.” A Europa tentou conquistar o mundo – e o fez. Os fatos são simplesmente esses, se os olharmos de frente.*

*Vocês podem estar certos, no entanto, que o Sul não quer deixar todos os seus problemas ao encargo da Europa. Havendo reconhecimento, por parte da Europa, de que ainda tem uma responsabilidade de longo prazo adquirida historicamente, também estamos ansiosos para encontrarmos novas formas de relação, mais bonitas e mais maduras.*

*Poderíamos começar, por exemplo, por percebermos que somos todos pobres de um modo ou de outro – e decidir lutarmos juntos para tornar de novo a vida mais bonita, mais digna de ser vivida. Aqui na Europa isso depende muito pouco de coisas materiais, depende muito mais de recuperar a capacidade do puro e simples encontro humano. Basta olhar para os rostos nos ônibus e bondes, especialmente os dos mais velhos, para ver que é uma necessidade desesperada.*

*Por outro lado, no Sul as coisas se tornam muitas vezes puramente uma questão de sobrevivência – ou de pessoas ou pelo menos das instituições (p.ex. ONGs) que tentam ajudar as pessoas.*

*Não temos dúvida de que o seu apoio nos pode ser de grande utilidade. Como já dissemos, a sociedade de vocês amadureceu, e frente aos projetos das nossas ONGs lá do Sul vocês demonstram mais compreensão do que a nossa burocracia tantas vezes elefântica. Mais: ações internacionais envolvendo diretamente instâncias governamentais, de um ou de outro lado, tendem a se tornar complicadas, lentas, e com frequência seus*

<sup>12</sup> Tradução do texto-base da nossa participação individual na mesa redonda de encerramento do congresso *Netzwerke für globales Lernen*, Hannover 02.11.2002. O original em inglês se encontra na p.92 dos Anais (BÖMER et al. 2002), seguido da tradução alemã de Gabriele Janecki.

<sup>13</sup> Embora imprecisa, essa é a forma mais usual na Europa e EUA de se referir ao que aqui muitas vezes ainda chamamos Terceiro Mundo.

*benefícios nem conseguem atingir as pessoas comuns do lugar. Sugerimos fortemente, então, que sejam ONGs quem faz o papel de pilares ou de cabeceiras da ponte dos dois lados.*

*É claro que também existem imensas diferenças regionais dentro do assim-chamado Sul – mas de certa forma todos nós precisamos de apoio para sermos capazes de atuar realmente como parceiros. Cooperação técnica, por exemplo, pode ser muito importante para a África agora, mas faz pouco sentido para o Brasil, que constrói auto-estradas monumentais e aparece como a 11.ª economia do mundo.*

*De que tipo de apoio o Brasil precisa, então? Bem, pode-se estimar que pelo menos 85% das pessoas aí (e olhem que nós somos 170 milhões) enfrentam dificuldades no acesso a oportunidades de um desenvolvimento humano pleno (educação efetiva, saúde física e psicológica, cultura etc). Há uma forte desigualdade profundamente entranhada na estrutura da sociedade inteira. Há trabalho nisso para gerações de ONGs – e esse trabalho pode depender precisamente de encontrar apoio em algum ponto fora da estrutura interna desigual!*

*Há ainda um ponto que precisamos mencionar: o desenvolvimento moderno foi criado às custas do desencantamento do mundo (nas palavras de Max Weber). Por causa disso a Europa enriqueceu e no entanto ainda é pobre, como dissemos antes. Em muitos casos nós lá do Sul poderíamos ser vistos como guardiões da experiência de transcendência, encantamento ou mágica, para o mundo todo – de modo que se formos sábios nós deveremos rejeitar um tipo de desenvolvimento que desencanta a vida, que apenas desloca o ponto onde a miséria tem sua sede, dentro do conjunto da nossa experiência do mundo.*

*Dissemos que temos esperança de que possamos ser parceiros em tornar a vida mais bela e digna de ser vivida – quer dizer, no reencantamento da experiência da vida. E estamos certos de que podemos contar com compreensão por esse ponto precisamente aqui, na Alemanha, pois foi o seu maior poeta quem escreveu “para espantar-me é que eu existo”, zum Staunen bin ich da.<sup>14</sup> E esse é com certeza um bem que merece ser conservado e estimado mais do que todas as marcas registradas, grifes e “brands” deste mundo!*

## **7.6. RESULTADOS I: ALGUNS BLOCOS DE CONCLUSÕES**

### **7.6.1. As Sugestões e Recomendações da equipe visitante <sup>15</sup>**

1) Sugerimos que, de tempos em tempos, profissionais de propaganda e marketing de primeiro nível sejam chamados para realizar campanhas no sentido de gerar um sentimento positivo sobre ser um cidadão do mundo, valorizando também que pais esperem e demandem das escolas que eduquem seus filhos como cidadãos do mundo (bem como, possivelmente, sobre o quanto ser racista é pateticamente ridículo, e coisas assim). Um *sentimento positivo duradouro* na opinião pública é indispensável para empoderar os governos no sentido de agirem de modo mais forte e consistente em favor do Aprendizado Planetário e Intercultural, bem como das iniciativas anti-racistas.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> GOETHE. Citamos da memória de aulas assistidas, e ainda não conseguimos precisar a referência bibliográfica.

<sup>15</sup> Trata-se aqui da Seção D (final) do relatório da equipe visitante, a qual não foi lida em plenário e – aparentemente por uma falha de comunicação – ficou fora igualmente da publicação nos anais. Para fins documentais, a redação original em inglês se encontra incluída, logo após esta tradução ao português, na versão deste artigo disponível na internet em [www.tropis.org/biblioteca/convivioplanetario.zip](http://www.tropis.org/biblioteca/convivioplanetario.zip)

<sup>16</sup> Esta sugestão se refere especialmente à situação européia, onde tanto campanhas publicitárias em si quanto o maior investimento em uma educação apropriada seriam armas importantes contra o reerguimento do racismo. “Aprendizado Planetário” traduz aqui *Global Learning*, conforme a nota 3 deste capítulo.

- 2) Os governos deveriam encorajar e apoiar com energia que escolas e professores se envolvam com o Aprendizado Planetário e Intercultural, pois de outro modo não estarão preparando de fato e adequadamente os cidadãos de seus países para atuarem no mundo de hoje.
- 3) As agências oficiais que tratam de Cooperação no Desenvolvimento e aquelas que tratam do Aprendizado Planetário e Intercultural deveriam atuar de modo integrado.
- 4) Instituições que produzem e enviam bens a países em estado de necessidade deveriam também abrir oficinas locais nesses países, mas também receber aprendizes ou *trainees* desses países em suas oficinas centrais, de modo a enriquecer e aprofundar o nível da experiência intercultural.
- 5) Ainda há lugar, necessidade e justificação para certa medida de ações de ajuda “clássicas” nas relações entre os assim-chamados países do Norte e do Sul.
- 6) Questões de gênero devem ser levadas em conta sempre que se trata de diversidade.
- 7) Dever-se-ia dar mais atenção, de modo despreconceituoso, às possíveis contribuições teóricas e práticas de diferentes escolas de pensamento e diferentes sistemas pedagógicos da Alemanha e de outros países.
- 8) ONGs poderiam criar na internet um Centro de Informações sobre canais de apoio e financiamento, bem como um índice central dos materiais para apresentações, exposições e ensino desenvolvidos pelos diferentes parceiros de trabalho.
- 9) Ao estabelecer uma parceria com alguma instituição do Sul, é importante que se dê atenção cuidadosa ao que essa parceria (e sua possível interrupção futura) realmente significa para o parceiro do Sul.
- 10) O *networking* (formação de redes) de iniciativas deveria sempre envolver parceiros do Sul para que se obtenha uma perspectiva verdadeiramente global.
- 11) A África deveria ser envolvida em maior escala nos movimentos de *Fair Trade* (“comércio justo”) e dos *World Shops* (“lojas do mundo”, “magazines mundiais”).
- 12) Estudantes e profissionais estrangeiros que estão vivendo na Europa, bem como imigrantes, deveriam ganhar mais espaço e papel ativo em todas as iniciativas de Aprendizado Planetário ou semelhantes que são empreendidas na Europa.
- 13) As iniciativas que tentam dar apoio a estudantes e profissionais estrangeiros precisam levar em conta a política [alemã atual] do *Green Card* ou semelhantes.
- 14) Apoiar a organização e iniciativas de estrangeiros residentes e de imigrantes pode ser mais importante que empreender ações diretas em seu favor ou no seu lugar.
- 15) Nunca se deve entender “desenvolvimento” puramente em termos de produção e utilitarismo, mas também em termos de valores humanos mais altos – como beleza, entusiasmo, criatividade, esperança e respeito pela dignidade de todo e cada indivíduo humano.
- 16) A globalização só será saudável e aceitável com o desenvolvimento de uma efetiva Democracia Global para geri-la.

Hannover, 02.11.2002

*Karamba Diaby*

*Khalil Alio*

*Ralf Rickli*

*Sibathathu Masiza Stuurman*

## 7.6.2. Conclusões da oficina Um olhar para além da borda

A oficina “Blick über den Tellerrand”, coordenada por Gabriele Janecki, foi um espaço de diálogo entre os quatro membros da equipe visitante (Karamba Diaby, Khalil Alio, Ralf Rickli e Sibathathu Masiza Stuurman) e participantes interessados em aprofundar o diálogo sobre o relatório apresentado em plenário na véspera. O título se baseia numa expressão alemã que fala de pessoas conseguirem olhar para além da borda do pequeno *prato* onde vivem.

- Diálogo, comunicação e intercâmbio **pessoal** entre o Norte e o Sul são mais do que nunca do interesse das duas partes.
- Nisso assume enorme significação a língua e o desenvolvimento das capacidades lingüísticas, tanto no nível local quanto no global (pela necessidade de língua mundial comum).
- “Norte” e “Sul” não são [aqui] categorias geográficas [físicas], e sim econômicas e sociais.
- O futuro dos trabalhos de cooperação deve estar voltado para projetos multilaterais.
- Deve ser fortalecida a cooperação entre grupos de interesse semelhantes no Norte e no Sul (p.ex. professores, sindicatos etc).<sup>17</sup>
- No Sul e também no Norte, as ONGs e a sociedade civil devem ser fortalecidas, bem como as redes devem ser desenvolvidas, para poderem representar um contraponto às estruturas de poder nacionais e globais, e para facilitar que [trabalhos, p.ex. de cooperação] atinjam diretamente as bases da sociedade.
- É indispensável uma enérgica e criativa educação das consciências no Norte, e isso precisa ser realizado com qualidade profissional.

## 7.6.3. Excertos da Declaração Final do congresso <sup>18</sup>

### 7.6.3.1. PALAVRA INTRODUTÓRIA (POR REINHOLD BÖMER)

*Este Congresso de Educação colocou bem alto o desafio para o salto do trabalho em escolas: “em cinco anos 10% das escolas dos Estados de Bremen e Niedersachsen deverão ter [escolas] parceiras no Sul.” Esse é o compromisso consigo mesmo que o Círculo Organizador do congresso extraiu como “moral da história” desses três dias de trabalho.*

*Não menos exigente foi a palavra de ordem colocada pelos parceiros do Sul que acompanharam o congresso: “desenvolvimento global tem que ser um desenvolvimento solidário”.<sup>19</sup>*

*Parcerias Norte-Sul ao alcance dos olhos são um importante campo de aprendizado para o Aprendizado do Global. Meios eletrônicos possibilitam um contato vivo ágil no tempo.*

<sup>17</sup> Pessoalmente fazemos ressalvas a este ponto, na medida em que cremos (neste caso com Rudolf STEINER e seu conceito da Trimembração do Organismo Social) na importância de que os interesses diversos ou mesmo opostos sejam trazidos à presença uns dos outros e à obrigação de construir soluções *em conjunto*. Não vemos que isto invalide a presente proposta, mas sim que a relativize em certa medida.

<sup>18</sup> Publicada nas p. 2-6 dos Anais (BÖMER et al. 2002). A tradução do alemão é nossa. Deixamos de fora alguns poucos trechos que se referem a questões institucionais alemãs de interesse exclusivamente interno.

<sup>19</sup> O uso freqüente da palavra “desenvolvimento” (*Entwicklung*) nesta declaração não deve ser entendido como um atrelamento aos conceitos convencionais de desenvolvimento. É preciso compreender a declaração sobretudo como um ato político num determinado contexto, falando em termos que serão entendidos por determinado interlocutor ou público-alvo. P.ex., referir o congresso ao programa da Agenda 21 pode ser visto por um lado como uma junção de forças, por outro como luta por garantir o devido peso às questões culturais e interculturais dentro desse programa. Deixamos claro, de todo modo, que a transcrição aqui deste texto, de cuja redação *não* participamos, visa evidenciar semelhanças ou parentescos entre propostas que vêm brotando nas mais diversas partes do planeta – uma delas a nossa Pedagogia do Convívio –, sem que isso represente qualquer tipo de atrelamento a este ou aquele grupo ideológico – o que seria uma forma tristemente pequena de entendê-lo, ou, em outras palavras: seria “política” em um dos sentidos mais decaídos da palavra.

ONGs, especialmente iniciativas do tipo das Weltladen (Lojas do Mundo) são um bom espaço de aprendizado para escolares. Com a escola e além dela, eles podem aí pôr em contato com um espaço público mais amplo os seus conhecimentos iniciais sobre a globalização (e a crítica da globalização). As escolas precisam de esclarecimentos e de serviços quanto a estes conteúdos. Para esses esclarecimentos devem se apresentar as ONGs. E estas precisam de apoio para poderem prestar esses serviços com qualidade profissional, oferecendo-os de modo acessível ao ensino nesse setor.

#### 7.6.3.2. ABERTURA DA DECLARAÇÃO

Mais de 120 participantes dos Estados de Bremen e Niedersachsen e de países do Sul discutiram em Hannover durante três dias o melhoramento das condições do campo do Aprendizado Planetário (Globales Lernen) nesses dois Estados. O Círculo Organizador, composto por 23 organizações, resume do seguinte modo os resultados, expectativas e recomendações.

Este congresso educacional se situa no contexto daquele outro, de âmbito federal, realizado em Bonn no ano 2000 com o título: **“Educação 21: aprender para um desenvolvimento justo e com futuro”**.<sup>20</sup> É seu intuito elaborar o impulso de Bonn para os âmbitos regional e estadual.

Nesta discussão, os organizadores se baseiam, entre outros fundamentos, na decisão unânime do Congresso Federal alemão em 29.06.2000 quanto à **Educação para o Desenvolvimento Sustentável**, a qual destaca como imprescindível a cooperação dos campos “ambiente” e “desenvolvimento”.

Não por último, também o Estudo PISA deu impulsos no sentido de abrir a escola para a realidade social no sentido do Aprendizado Planetário, e o colóquio Aprendizado Intercultural do Conselho Estadual de Educação de Niedersachsen em 05.12.2001 deu impulsos para esse trabalho, sobretudo com imigrantes que vêm para nosso Estado. Além disso, em outras recomendações esse Conselho demandou a formação de redes regionais no campo educacional, bem como maior abertura para o mundo.

Serão ainda necessários especiais esforços de muitas instituições para dar continuidade aos impulsos trazidos para o trabalho em Bremen e Niedersachsen pelo Programa BLK - Educação para um Desenvolvimento Sustentável.

#### 7.6.3.3. EDUCAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO

Sob o lema “estruturar mais justamente a globalização” (ou “construir uma globalização mais justa”)<sup>21</sup> o trabalho educacional dentro e fora das escolas pode contribuir para a discussão da globalização. Precisa ser questionado se a globalização está se dando no interesse das pessoas no Sul e no Norte. Conseqüências negativas precisam ser analisadas e apontadas. Alternativas positivas devem ser discutidas. As possibilidades de combater as conseqüências negativas incluem a **solidariedade** e a transparência.

A globalização oferece oportunidades e perigos às diferentes culturas do mundo. É fundamental aceitar e prezar as outras culturas em suas diferenças.

#### 7.6.3.4. APRENDIZADO PLANETÁRIO

O congresso de educação de Hannover segue a definição de “Aprendizado Planetário” (Globales Lernen) do Congresso de Educação de Bonn:

**“É preciso intervir nas estruturas e nos processos de desenvolvimento da sociedade mundial, não nos problemas de um supostamente distante ‘Terceiro Mundo’”.**

Não é possível alcançar desenvolvimento sustentável sem a equalização dos direitos dos sexos [ou “gêneros” = Geschlechter].

<sup>20</sup> Bildung 21: Lernen für eine gerechte und zukunftsfähige Entwicklung.

<sup>21</sup> Globalisierung gerechter gestalten.

*A percepção da vinculação ou atrelamento cultural de sua própria visão do mundo precisa ser o fundamento do aprendizado. Isso fortalece a disposição de ir com atenção cuidadosa e com curiosidade ao encontro de outras formas de ver o mundo. Os temas tratados devem ser iluminados pelo ângulo de diferentes posições de interesse, e explorados por perspectivas múltiplas. Nisso o Aprendizado Planetário tem a tarefa especial de conseguir direcionar audiência para as vozes dos prejudicados pela globalização.*

*Não se economize tempo em nenhuma medida educacional dedicada ao esclarecimento da cooperação no desenvolvimento. Trata-se de renunciar aos padrões de pensamento de ajuda paternalista bem como aos modos de ver eurocêntricos. É preciso destacar sempre a multiplicidade das contribuições dos parceiros para os processos de desenvolvimento nos países da África, Ásia e Américas do Sul e Central.*

*O conceito “ajuda para o desenvolvimento” deve ser evitado. Países que são apresentados exclusiva ou primariamente pelo ângulo da ajuda, não têm como representar parceiros política, econômica, ecológica ou culturalmente interessantes aos olhos a opinião pública. Em acréscimo tal conceito sugere que somente o Sul tenha necessidade de desenvolvimento. De todo modo, o caminho de desenvolvimento dos países industriais não pode servir de modelo, pois não é sustentável (zukunftsfähig = não tem futuro). Estratégias de solução têm que ser buscadas e elaboradas conjuntamente pelos países industrializados e “em desenvolvimento”.*

*O Aprendizado Planetário para um desenvolvimento sustentável tem que evidenciar o entrelaçamento das questões de desenvolvimento globais e locais, e ser levado a convergir em uma Educação para um Desenvolvimento Sustentável juntamente com outros campos pedagógicos como a educação para a paz, para os direitos humanos, a educação ambiental, a aprendizagem intercultural etc.*

#### 7.6.3.4. ESPERAMOS...

##### (1) O MELHORAMENTO DAS CONDIÇÕES PARA O CAMPO DO APRENDIZADO PLANETÁRIO <sup>22</sup>

- *É preciso reforçar os recursos humanos e financeiros para possibilitar a presença do Aprendizado Planetário em todos os campos e níveis da Educação. O trabalho interno das ONGs deve ser qualificado e estabilizado. Aqui pode contribuir o trabalho de loterias específicas (como a Bingo Lotto do estado Niedersachsen) e a criação de uma Fundação Mundo Único (EINE WELT Stiftung) em nível estadual.*
- *O Aprendizado Planetário pressupõe a flexibilização das estruturas escolares e o apoio a formas inovadoras de aprendizagem e de escola. A instalação de locais de consultoria em Aprendizado Planetário é uma contribuição desejável para isso.*
- *Devem ser criados locais de aprendizagem (ou estudo) e centros de competência para o Aprendizado Planetário. Centros Ambientais Regionais escolhidos devem reforçar e qualificar suas ofertas no campo Mundo Único. (Centros Ambientais Regionais - Regionale Umweltzentren - são centros de aprendizado extra-escolar que cooperam com as escolas e são apoiados pelo Estado). Centros regionais “Mundo Único” devem tomar a iniciativa do “ataque” em suas propostas a escolas.*
- *ONGs, além de cooperar com Semanas de Projetos, devem fazer propostas acessíveis para as aulas específicas ou profissionalizantes (Fachunterricht) nas escolas. Para isso deve-se pensar, entre outras coisas, na inserção de antigos “agentes de cooperação no desenvolvimento”, de imigrantes e de suas organizações representativas.*
- **O acesso igualitário às técnicas modernas de comunicação deve ser fomentado como uma importante tarefa para o Aprendizado Planetário. Páginas atrativas e de uso fácil, boletins e “exemplos best-practice” devem tornar o uso do que é se oferece sobre isso na internet mais interessante para escolares e professores(as).**

<sup>22</sup> Embora diversos dos pontos abaixo pareçam se referir a situações e instituições exclusivas da Alemanha, decidimos traduzi-los na íntegra por servirem no mínimo como interessantes exemplos de outros modos e estruturas de trabalho em educação.

**(2) [ESPERAMOS] AS SEGUINTE MEDIDAS DE POLÍTICA EDUCACIONAL**

[3 PONTOS OMITIDOS]

- *Redes regionais de educação são uma possibilidade razoável para a intensificação dos trabalhos. Cooperação com projetos em países do Sul reforça a autenticidade do aprendizado e ajuda igualmente os parceiros do Sul a realizarem projetos inovadores.*

[1 PONTO OMITIDO]

- *O Aprendizado Planetário deve ser levado em conta com mais intensidade na formação superior de professores, pedagogos e administradores de educação.*

- *Nunca é cedo demais para começar com o Aprendizado Planetário. Educação para a solidariedade e para o entendimento intercultural precisa ser tematizada já no jardim-de-infância, pré-escola e escola fundamental.*

- **Arte e cultura dão alma ao trabalho pedagógico.** *O emprego das possibilidades de integração do todo e de estímulo à comunicação oferecidas pelas artes amplia a efetividade dos processos educacionais do Aprendizado Planetário.*

- *Deve ser fortalecida a cooperação (trabalho conjunto) no espaço europeu e extra-europeu. Dentro de cinco anos 10% de todas as escolas devem ter estabelecido parcerias com escolas do Sul. Nesse sentido é desejável a cooperação com programas da União Européia como o “Comenius”, também no sentido da expansão das cooperações em educação da União Européia para países do Sul, prevista para a partir de 2006.*

- *Professores/as devem ser estimulados e apoiados a estabelecer contatos com escolas no Sul mediante medidas de formação e de intercâmbio.*

[1 PONTO OMITIDO]

- *Todos os alunos do ano de conclusão devem ser informados sobre as possibilidades Serviço de Aprendizado “Mundo Único” (Eine Welt) no Norte e no Sul.*

**(3) [ESPERAMOS] UMA REVISÃO DO NOSSO PRÓPRIO TRABALHO**

É necessária a disposição de questionar nossas suas próprias atividades autocriticamente e de oferecermos **transparência** quanto ao trabalho. Para isso pode contribuir um sistema de avaliação de projetos. Merece empenho nesse campo uma qualificação do trabalho das ONGs. Padrões de qualidade unificados deveriam ser pré-condição para o apoio ao trabalho.<sup>23</sup>

Faz parte da credibilidade do nosso próprio trabalho refletir sobre ele em conjunto com parceiros do Sul.

Faz parte da credibilidade do nosso próprio trabalho revê-lo e aperfeiçoá-lo segundo critérios justos quanto aos direitos de **gênero**.

O critério anti-racismo (**diversidade**) é uma parte constituinte e imprescindível do trabalho.

Faz parte disso expor a riqueza cultural, a variedade e diversidade do Sul. Para este trabalho o Sul não é objeto de estudo e sim parceiro.

A cooperação com outros atores da Agenda 21 impele a desenvolver o campo do Aprendizado Planetário no sentido de uma Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

---

<sup>23</sup> Cremos que o parágrafo acima deve ser lido com  *muito* cuidado no Brasil, devido à nossa terrível tendência de criar sistemas e sistemas de controle burocráticos, na melhor das hipóteses inócuos porém com mais frequência contraproducentes para a realidade de qualquer trabalho. Além disso temos a tendência de “fuzilar” qualquer trabalho que seja efetivamente inovador, por preguiça de avaliar por seu próprio conteúdo aquilo para o que não encontram padrões de comparação. Honestamente, no Brasil o caos nos parece oferecer menos risco que a maior parte das tentativas de ordem!

## 7.7. RESULTADOS II: UMA PLANTINHA NUM VIVEIRO NO BRASIL...

Quando embarquei para o congresso, em outubro de 2002, fazia pouco que o antigo sonho da Associação Trópis de uma sede rural – com mais caráter de *aldeia* que de qualquer “casa grande” – havia redespertado com a perspectiva, logo depois frustrada, da cessão do uso de uma área rural em Peruíbe. O sonho porém se recusava a voltar a dormir.

No segundo dia depois de minha volta ao Brasil recebi um telefonema de São Vicente – de uma pessoa conhecida em eventos culturais que nem sonhava que eu ou a Trópis tínhamos algum interesse ou ligação com o litoral. Poucos dias depois ela nos pôs em contato com a Associação de Amor à Criança Arcanjo Rafael - ASACAR -, que mantém diversas creches na Baixada Santista e havia recebido doação de algumas terras. A perspectiva da aldeia renascia... Em um mês escrevemos um estudo e projeto (*Oca Mundi* - do qual alguns trechos foram transformados em artigos neste volume) e enviamos aos amigos integrantes da VNB, na Alemanha.

Conforme nossa proposta, apresentada no congresso, de que ONGs sejam as cabeceiras da ponte dos dois lados do Atlântico, a VNB encampou nosso projeto e buscou recursos para ele junto à Bingo Lotto, da Fundação das Loterias de Niedersachsen.

Os recursos vieram – devido ao caráter experimental, bem menos que o solicitado originalmente, porém o suficiente para erguer a construção provisória onde a Trópis tem hoje a sua sede em Praia Grande: um original galpão em placas OSB onde quem entra é pego de surpresa pelas paredes formadas por estantes de livros, atrás das quais se esconde uma simples porém aconchegante moradia – talvez um bom exemplo de “modéstia sofisticada” – idéia mencionada por Maurice Strong, da ONU, em entrevista à revista *Veja* por ocasião da Eco 92 no Rio, que ele acabava de organizar.

O local e o momento de execução integral do projeto *Oca Mundi* – da materialização da aldeia... – continuam incertos, porém recebemos mais e mais mostras de compreensão e endosso às propostas (*quae sera tamen...*) cremos que o caminho continua sendo, como geralmente é, continuar realizando nosso pequeno trabalho cotidiano com fidelidade, com confiança no velho ditado oriental “não apresse o rio, ele corre sozinho”.

A propósito de rio... nos últimos dias de junho de 2004 estávamos com mais de 40 visitantes na mata à beira do Rio Branco, perto do nosso modesto-sofisticado galpão: Harald Kleem e o teatro-educador Norbert KNITSCH (que nos presenteou com seu belo livro *O Poder do Jogo Teatral*) conduziam mais de trinta professores, pais e alunos de várias idades de sua escola (pública) em Ostrhauderfehn; em outro avião chegavam três professoras e um estudante do interior da África do Sul; reuniram-se todos na Trópis, também com amigos locais (infelizmente o momento ainda não permitiu o envolvimento das comunidades indígenas da região, um passo previsto) – antes de subir a Serra da Mantiqueira para um encontro de duas semanas com sua escola parceira (também pública) em Visconde de Mauá, RJ: o Projeto **Millenium Village**.

Avisamos muita gente pela internet, inclusive a imprensa, sobre esse **Encontro de Três Continentes**. Parece que não entenderam a importância que havia nisso... Ainda! Não temos dúvida de que foi apenas um pequeno primeiro passo. Desconfiamos que *Global Village* ou *Aldeia Global* ainda terminará se mostrando um conceito mais rico, multidimensional e *humano* do que tudo que McLuhan possa ter podido imaginar quando forjou a expressão!<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Quando redigi este texto, em 2005, ainda não sabíamos que a ASACAR desistiria de continuar sua parceria conosco, entre diversos outros fatores que forçaram a suspensão do Projeto *Oca Mundi*, sem previsão de retomada. No entanto, como disse no final de 3.3.2, estou seguro de que este impulso terá continuidade, embora ainda não saibamos quando; mais cedo ou mais tarde haverá uma aldeia que seja ao mesmo tempo algo como uma Universidade Aberta para o Reencantamento da Educação, pluralista e acessível a qualquer pessoa que deseje participar, independente de sua condição financeira. Se eu, pessoalmente, terei a oportunidade de ver, não sei e talvez não importe muito: importa é que venha a existir!

## 7.8. EPÍLOGO: FALA, POETA!

### CANÇÃO AMIGA

Carlos Drummond de ANDRADE

Eu preparo uma canção  
em que minha mãe se reconheça,  
todas as mães se reconheçam,  
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua  
que passa em muitos países.  
Se não me vêem, eu vejo  
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo  
como quem ama ou sorri.  
No jeito mais natural  
dois carinhos se procuram

Minha vida, nossas vidas  
formam um só diamante.  
Aprendi novas palavras  
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção  
que faça acordar os homens  
e adormecer as crianças.

### FREUNDLICHES LIED

Ich will ein Lied schreiben,  
in dem sich meine Mutter erkennt,  
in dem sich alle Mütter erkennen  
und das wie zwei Augen spricht.

Ich gehe auf einer Strasse,  
die durch viele Länder führt.  
Wenn sie mich nicht sehen, so sehe ich  
und grüsse alte Freunde.

Ich verteile ein Geheimnis  
wie einer, der liebt oder lächelt.  
Auf die natürlichste Weise  
suchen sich zwei Zärtlichkeiten.

Mein Leben, unsere Leben  
bilden einen einzigen Diamanten.  
Ich habe neue Wörter gelernt  
und habe andere veredelt.

Ich will ein Lied schreiben,  
das die Menschen weckt  
und die Kinder in den Schlaf wiegt.

Carlos Drummond de ANDRADE  
Deutsch von Curt Meyer-Clason<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Um Epílogo intitulado “Fala, poeta!” pode ser visto como referência ainda a um verdadeiro ícone da cultura alemã que é a série de peças para piano intitulada *Cenas Infantis* (ou *Kinderszenen*), de Robert Schumann, cuja última peça, depois que a criança adormece, se chama “Fala o poeta” (*Der Dichter spricht*). É interessante, porém, que não tivemos consciência dessa relação no primeiro momento.

